

## OPINIÃO

## A greve ainda resolve como forma de pressão ao governo?

**João Carlos Gilli Martins, 56 anos, Professor do curso de Matemática**

“Toda a forma de luta, se ela se desenvolve de maneira bastante organizada, ela é eficiente. O problema todo é que nós temos que atingir um grau de organização para que a greve consiga se impor e se transformar em um instrumento de luta da nossa categoria. O fato de termos tantas greves não é um fator de desgaste instrumento de luta. O que desgasta a greve enquanto instrumento de luta são as greves mal organizadas, a falta de mobilização e participação dos professores. Isso efetivamente é que pode desgastar o movimento grevista, pois a greve em si é um instrumento de luta para qualquer categoria. E mais ainda, se observarmos o histórico do movimento docente em termos nacionais, desde a greve de 1980 até a última greve, obtivemos na maioria delas ganhos significativos. O nosso salário, mesmo que não seja o que desejamos, já que desde 1995 até hoje tivemos uma perda acumulada de mais de 40%, nós ainda temos um salário de certa maneira digno, que foi garantido por todas essas lutas. Outra coisa importante de se destacar é que enquanto nos outros países da América Latina, por força da ação do Banco Mundial, a maioria das universidades que antes eram públicas foi privatizada ao longo do tempo. No Brasil, ainda conseguimos manter as universidades públicas à custa da nossa luta e, entre a luta dos docentes, a greve foi um dos instrumentos principais nesse processo.”



FOTOS: ANA PAULANGUIEIRA

**Maria Catarina Zanini, 38 anos, Professora do curso de Ciências Sociais**

“No caso do governo brasileiro e como histórico das últimas negociações, infelizmente a greve tem sido o único recurso. Ela resolve porque não há outras formas de diálogo. Se não tem greve o governo não nos escuta. Embora eu não seja favorável à greve como um recurso contínuo, ela ainda é instrumento de luta e talvez o



único que a gente tenha para pressionar.”

**Ester Wayne Nogueira, 69 anos, Professora aposentada do curso de Administração**

“Acredito que resolve. É um instrumento que se tem que ter cuidado de utilizar. Não se pode utilizar prematuramente, mas nós estamos no momento certo para puxar uma greve e tentar fazer com que o governo pense melhor na educação. A educação não pode ser só palanque de eleição. Está na hora de repensar a educação como um todo e agora é a hora certa de estarmos em greve.”



**Juliano Ferreira, 29 anos, Professor do curso de Química**

“Acho que a greve ainda resolve como pressão ao governo, mas não podemos entender a greve simplesmente como uma paralisação. A paralisação faz parte da greve, mas ela envolve várias outras coisas, como a mobilização dos alunos, dos professores e dos funcionários. É esse estado de mobilização que vai fazer a mudança e não simplesmente a paralisação.”



# Greve avança, aos poucos



**Dia 1º de setembro:** assembléia que aprovou a greve

A greve dos docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) iniciou em âmbito nacional, como indicação do setor das federais do ANDES-SN, no dia 30 de agosto. Na UFSM, assim como em diversas outras universidades, a paralisação só foi deflagrada a partir da primeira semana de setembro, após a audiência frustrada do Grupo de Trabalho integrado por ANDIFES, ANDES, SINASEFE e SBPC junto ao MEC. Em Santa Maria, 133 professores estiveram na assembléia do Auditório Loi Trindade Berneira (da Química), no dia 1º de setembro. O movimento de greve foi aprovado para deflagração na segunda, 5 de setembro. De lá para cá, em nível nacional, houve reduzido avanço por parte do governo. O Ministério da Educação mandou documento às entidades que compõem o Grupo de Trabalho propondo para janeiro de 2006 um aumento de 50% nos valores da titulação dos professores, bem como a possibilidade de discutir um calendário de incorporação da Gratificação por Atividade Executiva (GAE) e, a transformação do atual grupo em GT Carreira, com a intenção de discutir um Plano de Carreira para a categoria.

A proposição do MEC foi considerada insuficiente na UFSM, e, no restante do país a idéia governista foi rejeitada e duramente criticada. A estratégia de empurrar com a barriga mais uma vez tem sido usada pelos “negociadores” oficiais. É essa postura que tem mobilizado os docentes e levou a que 25 IFES (dados do dia 21 de setembro) ingressassem na paralisação. Numa audiência entre a deputada Fátima Bezerra (PT-RN) e o ministro da Educação, Fernando Haddad, no dia 14 de setembro, para discutir o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Básico (FUNDEB), o tema da greve foi levantado.

Embora não fosse o foco da reunião, a deputada

aproveitou a presença do Ministro e dos membros do Comando Nacional de Greve da FASUBRA, do Sinasefe e do Andes para registrar sua preocupação com o movimento em curso nas instituições, bem como, a necessidade de retomada das negociações. Fátima enfatizou que, em conjunto com deputados desta Comissão, há mais de 30 dias, vem acompanhando o processo de negociação entre o MEC e os servidores. Aproveitou, ainda, a presença do Ministro para registrar que os parlamentares estarão se reunindo a fim de buscar alternativas para a superação dos impasses que estão colocados. Além de Fátima, fizeram intervenções questionando o Ministro sobre os argumentos explicitados no texto da FASUBRA, os motivos da greve e apelando para que a entidade fosse recebida, os deputados Chico Alencar (PT/RJ), Paulo Rubem (PT/PE), Iara Bernardi (PT/SP) e Alice Portugal (PC do B/BA).

**DIA DE LUTA-** Para o Comando Nacional de Greve, em razão da não efetivação das negociações do governo com o CNG/IFES/ANDES, bem como com o SINASEFE e FASUBRA, da realização do acampamento do SINASEFE entre os dias 27 a 30 de setembro na Esplanada dos Ministérios e da realização de caravana da FASUBRA nos dias 28 a 30 de setembro na Esplanada dos Ministérios, o CNG/IFES/ANDES deliberou que, nesta etapa da luta, a participação da categoria se dará por meio da realização de um “Dia Nacional de Luta dos Docentes” em defesa da universidade pública e pela valorização do trabalho docente, marcado para o dia 30 de setembro. Neste dia, o CNG propõe a realização de atividades em âmbitos nacional e local com ações como “universidade na praça”, com o lema “o espelho da universidade: defenda-a para que ela não morra”, entre outras ações.

**“Espelho da universidade: defenda-a pra que não morra”**

## Por que nem todos param?



**Reunião com Substitutos:** garantia legal de greve



**Audiência com Sarkis:** direito do substituto respeitado

Desde que a greve foi iniciada na UFSM, no dia 5 de setembro, existe uma pergunta, principalmente na imprensa, sobre qual o percentual de adesão ao movimento. Essa é uma pergunta sempre difícil de responder, porém, o que se observa é um número nada desprezível de docentes que se mantêm em aula. A questão é, se há tanta justiça nas reivindicações, já que nos últimos 10 anos, os salários têm sido aviltados, os recursos para manutenção das IFES insuficientes e a contratação de professores reduzida, ampliando o número de substitutos, por que então há dificuldade na adesão? Se for levado em conta que o quórum para deflagração é de 10% do número de associados do sindicato (equivalente a 120 professores), a presença de 133 pessoas na plenária decisiva é um número baixo para um universo de 1.200.

Uma das discussões que tem sido levantada nas últimas greves e que, agora volta a preocupar, se refere ao número elevado de docentes que se envolvem em projetos rentáveis através das Fundações de Apoio. Uma discussão árida que tem sido palco de embates nas principais universidades do país. O 24º Congresso do ANDES-SN chegou a aprovar em fevereiro deste ano uma condenação às formas de atuação das fundações. Mas, não se resume a isso. Há justificativas as mais diversas para manutenção das aulas, que passam desde a necessidade de não interromper a pós-graduação, como pelo argumento simplório de que os substitutos, que são em torno de 200 na UFSM, não têm direito à greve.

O Comando Local de Greve dos Docentes tem visitado os departamentos da Instituição, buscando conscientizar sobre a importância da coesão da categoria. Entretanto, a receptividade nem sempre é a melhor. Nas assembléias, contudo, as críticas aos fura-greves às vezes sobem de tom. Na que ocorreu no dia 13 de setembro, o professor Joel Abílio Pinto dos Santos, da

História, considerou uma “vergonha que existam professores que continuam dando aula sem biblioteca, sem laboratórios, sem as mínimas condições de ministrar uma aula de qualidade.” Sobre as alegações de que as aulas na pós-graduação nunca param, o professor Diorge Konrad, também do curso de História, afirmou que “professor é um só. Não existe um professor na graduação e outro na pós-graduação.”

**SUBSTITUTOS-** Em relação aos professores substitutos, a SEDUFSM buscou respaldo jurídico para demonstrar que, apesar de ser um segmento com prazo determinado na Instituição, ele não pode ser tratado de forma diferenciada e tem os mesmos direitos que os demais componentes da categoria. No dia 8 de setembro, o Comando Local de Greve fez uma reunião exclusiva para discutir a situação de professores em estágio probatório e dos substitutos. O local das discussões do Comando tem sido o Auditório Pércio Reis, no centro de Tecnologia. No caso dos docentes em estágio probatório, conforme explicou o professor Diorge Konrad, o consenso é de que o docente só pode ser avaliado baseado em seu trabalho e não por suas posições políticas, no caso específico, em relação à adesão ou não ao processo grevista. No que se refere aos substitutos, a avaliação é de que “a greve é um direito constitucional e proibir isso aos professores substitutos fere a lei”, garante Konrad. Segundo ele, uma das lutas da atual greve é fazer com que os professores substitutos se tornem efetivos.

No caso dos substitutos, a notícia positiva foi a postura do reitor da UFSM, Paulo Sarkis. Em reunião chamada pelo próprio reitor junto ao Comando de Greve, ele disse que a Administração Central não tem posição contrária aos professores substitutos entrarem em greve e ressaltou que não vê diferenças no segmento docente. Declarou ainda que nunca os professores desta categoria fora punidos por terem aderido à greve.



**João Regis Miolo, 50 anos, Professor do curso de Medicina Veterinária**

“Todas as formas de reivindicar e buscar melhorias, não só salariais como também de condições de trabalho e, no nosso caso, também relacionado aquela tríade de ensino, pesquisa e extensão, são bases. Vejo a greve como um processo de pressão, que esgotada as outras possibilidades procura junto aos órgãos competentes, no caso a União, trazer essas soluções que não foram conseguidas mediante outros processos de diálogo, de conversação, de reivindicações. É um processo um tanto quanto traumático e bastante desgastante, tanto para quem faz como para quem é objeto disso, que é o caso dos alunos e a própria população, mas eu acho que ainda funciona. Exemplo disso é que vários segmentos de diferentes grupos, tanto privados como públicos, usam. Se os resultados desta vão ser realmente o que se busca eu não sei, isso é imprevisível.”

**Hercules Nogueira Filho, 46 anos, Professor do Colégio Agrícola**

“A greve é um dos únicos mecanismos de pressão ao governo. Historicamente, a área educacional não tem sido atendida dentro das suas reivindicações. O movimento docente e dos funcionários que trabalham na área da educação tem hoje como único mecanismo de reivindicar suas posições o movimento grevista. Embora a greve traga dificuldades e algumas situações não positivas em relação à própria educação, ela ainda constitui o único movimento que nós podemos ter. É a única voz que temos para que possam nos ouvir.”



## Enquete de setembro

Entre os dias 23 de agosto e 9 de setembro, a SEDUFSM disponibilizou em seu site ([www.seduufsm.com.br](http://www.seduufsm.com.br)) a enquete com o seguinte teor: “Qual a saída para a atual crise política?”. Houve 54 participantes que opinaram. Os resultados foram: 1- *Uma reforma política com financiamento público de campanha, etc.* (33,3%); 2- *O aeroporto* (31,5%); 3- *A antecipação das eleições gerais* (20,4%); 4- *Uma constituinte exclusiva* (14,85). Para quem deseja saber quais as enquetes que já foram disponibilizadas até hoje basta entrar no site e acessar o link (resultado das enquetes).

## ELES DISSERAM

**“Ele vai lembrar os avanços que promoveu na Câmara e dos projetos que foram aprovados sob sua liderança. Ele não tem ódio nem mágoa”.** (João Caldas, deputado federal (PL-AL), falando sobre a renúncia de Severino Cavalcanti ao mandato de deputado federal por suspeita de corrupção, na Folha de São Paulo de 21.09.2005)

**“Eu vi a ocupação partidária. (...) Tiraram muita gente competente para colocar gente menos competente. Começaram a desviar dinheiro para campanhas do PT”.** (Fernando Gabeira, deputado federal (PV-RJ), sobre os “momentos trágicos” que teria presenciado antes de sair do PT, na Folha de São Paulo de 21.09.2005)

**“Não votei porque não votei”.** (Presidente Lula explicando porque não votou nas eleições internas do seu partido (PT), na Folha de São Paulo de 21.09.2005)

**“Já pensou se os eleitores fizeram com o Lula o que ele fez com o PT e não aparecerem para votar nele no ano que vem?”.** (Walter Pinheiro, deputado federal (PT-BA), sobre o fato de o presidente da República não ter comparado para votar na eleição interna de seu partido, na Folha de São Paulo de 21.09.2005)